

# Doido por chapéus e passados recentes

Olivier Vandersleyen ainda passa boa parte do seu tempo atrás de uma câmara para captar a actualidade. Mas, sempre que pode, muda o ângulo para contar estórias passadas que, por serem tão recentes, ainda não interessam à História.

**EVA GASPAR**

egaspar@negocios.pt



**O**livier Vandersleyen passou a maior parte da sua vida incógnito atrás de uma câmara para captar a actualidade. Ao longo de mais de trinta anos trabalhou, a partir de Bruxelas, como operador para diferentes canais de televisão, entre os quais a SIC. Cobriu a agenda burocrática europeia, mas também acontecimentos históricos como a queda do Muro de Berlim, a guerra na ex-Jugoslávia e os conflitos na Irlanda do Norte.

Aos 57 anos ainda o faz, mas o que o encanta é muito menos o presente, embora também não chegue a ser o passado: são as actividades, outrora gloriosas, que mergulharam num declínio lento, por vezes inexorável; são os vestígios de um pretérito ainda próximo que, não obstante os actuais meios incomparáveis de preservação da memória, corre o risco de se perder para sempre.

Este realizador belga e professor na Escola Superior de Artes Visuais de La Cambre é hoje mais uma espécie de jornalista de investigação no encaço do chamado património industrial.

“Há uma época industrial que está quase a chegar ao fim. Nalguns casos, só não chegou ao fim porque quem nela trabalhou ainda está vivo. Mas se essas pessoas morrerem sem deixar testemunho, serão, a seu tempo, os historiadores a fazer uma reinterpretação desse passado que será mais pobre e mais enviesada na ausência de testemunhos vivos”, explica ao Negócios, lembrando que a própria União Europeia foi construída sobre o carvão e o aço, indústrias que entretanto mergulharam num profundo declínio.

Há quinze anos, Olivier Vandersleyen montou uma produtora, a WideScreen, e começou a fazer documentários centrados no que, por vezes, durou pouco mais de uma geração. As estufas de vidro que resistem ao abandono e às intempéries para lembrar que, ainda há um século, se produziam uvas e vinhos na improvável Bélgica foi o tema do seu primeiro trabalho.

Depois contou a estória das vidreiras, também hoje semi-destruídas, onde no início do século XX se fazia o Marbrite, vidro opaco e colorido, inventado por Arthur Brancart, que subiu as céus com o Art Deco.

O seu terceiro e último documentário foi o primeiro que nasceu fora da sua Bélgica natal. Foi em São João da Madeira que Olivier Vandersleyen se cruzou com um mestre chapeleiro fundador da FEPSA-Feltros Portugueses criada em 1969 por seis fabricantes nacionais como forma de resistir ao movimento dos deschapelados que, a partir dos anos 30, levou ao progressivo desuso do chapéu.

O filme foi parcialmente gravado nas instalações dessa unidade fabril, nas ruínas de fábricas de chapéus da região e no Museu da Chapelaria. No final de Novembro último, “Mad about Hats/Doido por Chapéus” foi estreado no Auditório dos Paços da Cultura da cidade. O filme flui em torno dos caprichos da História e da Moda que moldaram a forma e os hábitos de uso do chapéu. Começa, porém, bem longe de São João da Madeira – nos Estados Unidos – cruzando a história da colonização do país com uma muito menos conhecida: a da “loucura” dos europeus por pele de castor, animal que, por ter coberto tanta cabeça aristocrata e burguesa, teria sido extinto na Europa por volta de 1500. **W**



“Mad about Hats/Doido por Chapéus” é o terceiro e último documentário do realizador belga Olivier Vandersleyen. A ideia nasceu-lhe em São João da Madeira e com ela deu quase uma volta ao mundo para recuperar os caprichos da História e da Moda que moldaram o uso e o fabrico de chapéus. As estufas de vidro que, há um século, deram origem a vinho na improvável Bélgica foram o centro do seu primeiro trabalho em torno da preservação do património industrial.